

Maus Antecedentes

PARA efeito de avaliação política será irrelevante determinar quem disparou o tiro inicial no confronto entre a Polícia Militar e cortadores de cana em greve, sexta-feira passada, no interior de São Paulo. Numa escaramuça em campo raso é muito difícil dizer quem primeiro apertou o gatilho e com quantos segundos de antecedência o fez. Importa saber — e isto se sabe — quem declarou a guerra.

O PT e a CUT a declararam, como fazem habitual e programaticamente, sempre que surge uma disputa entre empregados e empregadores. Mesmo que se trate de um movimento pacífico, em torno de reivindicações puramente econômicas destinadas hoje ou amanhã a acomodar-se na mesa de negociações, apressa-se o PT em politizá-lo. Se possível, em radicalizá-lo. Para exacerbar os ânimos, açular a luta de classes, dispõe de tropas de choque que chegam ao local num abrir e fechar de olhos.

Foi conforme o padrão de sempre que agiu o PT no caso da greve dos bóias-frias de Leme. Para lá se dirigiram os seus ativistas, a fim de impedir que chegassem ao trabalho aqueles que queriam trabalhar. Além dos piqueteiros anônimos, estavam lá também o candidato do partido a vice-governador e dois dos seus deputados federais. Ocupavam um automóvel da Assembleia Legislativa de São Paulo e o utilizavam em manobras destinadas a bloquear os movimentos dos ônibus que conduziam os trabalhadores contrários à greve.

É significativo o fato de que o automóvel da Assembléia circulasse com chapas frias. Entre as ilegalidades cometidas por seus ocupantes estava a de usar indevidamente um veículo do Estado. A outra era ainda mais grave. Promover piquetes, como se sabe, é uma ação que o Código Penal considera crime contra a Liberdade de trabalho. Por isso os líderes petistas tiveram o cuidado de acobertar-se com práticas próprias da clandestinidade.

Nada de admirar, pois o PT e a CUT, apesar de legais, agem de preferência à margem da lei. Na disputa pela liderança dos trabalhadores rurais de São Paulo sempre recorreram aos piquetes, envolveram-se em incêndios de canaviais e provocaram tumultos que, como o de agora, resultaram na morte de uma pessoa alheia ao movimento.

Em São José dos Campos, os ativistas do PT e sua organização sindical foram ainda mais longe no seu desafio à lei. Transformaram toda uma fábrica em cárcere privado, no qual mantiveram presos centenas de trabalhadores contrários à greve que ali se prolongava pela ação dos piquetes.

O PT, como deixou evidente o episódio de Salvador, abriga em suas fileiras militantes de partidos que se mantêm na ilegalidade por opção. Embora a presença desses clandestinos não seja nenhum segredo, o PT só se dessolidarizou até agora dos que foram apanhados em flagrante assaltando um banco com o fim confesso de levantar fundos para comprar armas e ajudar os sandinistas.

Vale lembrar, finalmente, que a CUT está às vésperas de realizar um congresso nacional, cuja pauta tem como um dos pontos principais a invasão sistemática de terras em todo o país, para efeito de uma reforma agrária ao arripio da reformulação fundiária decretada pelo governo.

O PT e a CUT estão, há anos, em guerra aberta e declarada contra o governo, o regime, a sociedade, a lei e tudo o que a represente. A disposição dos seus líderes e ativistas, portanto, é a de riscar o fósforo e atear o incêndio. Era com essa finalidade que estavam nos canaviais

de Leme os deputados e o candidato do PT a vice-governador. Importa pouco saber se alguém mais nervoso apertou antes o gatilho. Os líderes petistas já estavam lá para fazer sua guerra. Politicamente são os responsáveis pela tragédia.

(Página 10)